



Dossiê sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Apufsc-Sindical

Maio de 2023

Sumário

1 Apresentação.....	3
2 Síntese.....	4
3 Campus Florianópolis.....	6
CCA	6
CCB	6
CCE.....	8
CCS.....	9
CCJ.....	11
CDS.....	12
CED.....	13
NDI E CA.....	15
CFH.....	16
CFM.....	17
CSE.....	19
CTC.....	19
4 Campus Araranguá.....	22
5 Campus Blumenau.....	23
6 Campus Curitiba.....	25
7 Campus Joinville	26
8 Conclusão	27

Apresentação

Em julho de 2022, a Diretoria da Apufsc-Sindical entregou à Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) um dossiê sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral da instituição. Para a construção do documento, a equipe de Comunicação do sindicato entrou em contato com chefes de departamento e direções de centros e campi, solicitando e coletando informações. No total, 21 gestores enviaram contribuições.

Neste ano, a partir de março, com a retomada do semestre letivo, a Apufsc decidiu dar continuidade ao tema para atualizar sobre a situação e solicitar providências cabíveis e imediatas. Conversamos com diretores e diretoras dos 11 centros de ensino do campus Florianópolis, além das quatro diretorias dos campi, para a elaboração deste documento.

A Diretoria da Apufsc acredita que identificar e dar visibilidade aos reais problemas, às razões e suas consequências, a exemplo da falta de manutenção e da burocracia para solicitação de serviços, poderão auxiliar a Administração Central da UFSC na busca por soluções ágeis e viáveis. Além disso, reforça que essa atuação está prevista no Estatuto do sindicato, conforme o item "g" do Artigo 3º: verificar as condições de trabalho dos docentes, atuando junto aos órgãos competentes.

Diretoria da Apufsc-Sindical

Síntese por tipo de problemas e/ou demandas

TIPOLOGIA DE DEMANDA	CENTROS
ÁREAS SUCETÍVEIS A ALAGAMENTOS	CCB
DENGUE	CTC
EXCESSO DE BUROCRACIA	CCA, CCS
FALTA DE ACESSIBILIDADE (ALÉM DE ELEVADORES)	CFM, CTC, CTS
FALTA DE ÁGUA	CCE
FALTA DE BOLSISTAS	CTC
FALTA DE DOCENTES	CBS, CCE, CTE
FALTA DE ESPAÇO FÍSICO (SITUAÇÃO TEMPORÁRIA OU NÃO) PARA SALAS DE AULA, SALAS DE DOCENTES, LABORATÓRIOS E/OU CONVIVÊNCIA	CBS, CED, CFM, CTE, CTJ, CTS
FALTA DE MANUTENÇÃO EM APARELHOS DE AR-CONDICIONADO	CCB, CCE, CFH, CCS, CFM, CSE, CTC, CTE, CTS
FALTA DE MANUTENÇÃO EM JARDINS	CCE
FALTA DE TAES	CBS, CCB, CCE, CTC, CTE
FALTA ÔNIBUS PARA ATIVIDADES ACADÊMICAS	CBS
GOTEIRAS E/OU INFILTRAÇÕES	CCA, CDS, CCE, CCS, CED, CTC

TIPOLOGIA DE DEMANDA	CENTROS
INADEQUAÇÕES SANITÁRIAS	CCS
LENTIDÃO NO PROCESSO DE COMPRAS	CTC
NECESSIDADE DE PINTURA	CSE, CTC
OBRAS DE CONSTRUÇÃO INACABADAS	CCB, CTJ, CFM
PRAGAS (NECESSIDADE DE DEDETIZAÇÃO)	CCE
PROBLEMAS COM COMPUTADORES	CFH, CTE, CTC, CTJ
PROBLEMAS COM APARELHOS DE AUDIOVISUAL (DATA SHOW)	CCS, CSE, CTJ
PROBLEMAS COM BEBEDOUROS	CCE, CFH
PROBLEMAS COM ELEVADOR	CCB, CFM
PROBLEMAS COM PISO	CCA, CFM
PROBLEMAS DE ILUMINAÇÃO (LÂMPADAS E REFLETORES)	CDS, CCE
PROBLEMAS ELÉTRICOS	CCA, CCB, CTC, CTS
PROBLEMAS EM BANHEIROS	CDS
SAÍDA DE EMERGÊNCIA, SINALIZAÇÃO E/OU ROTA DE FUGA	CCJ, CTC
SOBRECARGA DE TRABALHO DOCENTE	CED, CFH, CTC
VAZAMENTOS DE ÁGUA	CDS

Campus Florianópolis

Centro de Ciências Agrárias (CCA)

Com duas fazendas experimentais, um parque de abelhas e uma estação de maricultura, o Centro de Ciências Agrárias (CCA) é o maior em termos de área física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Segundo a diretora do Centro, Rosete Pescador, os 750 hectares de extensão demandam um grande orçamento da instituição. Como o processo de solicitação de manutenção não é imediato e os recursos são limitados, muitos reparos são feitos com verbas dos projetos.

Apesar de não ter participado no ano passado do dossiê da Apufsc-Sindical sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral da universidade, o CCA, que fica no bairro Itacorubi, em Florianópolis, também enfrenta questões de infraestrutura. Com prédios da década de 1970, as construções apresentam problemas elétricos, de telhado, piso e goteiras, inerentes ao tempo.

Com o valor arrecadado por meio da venda de excedentes das fazendas experimentais, o Centro consegue resolver algumas demandas. Mas além dos gastos de infraestrutura, o CCA também precisa manter os animais dos projetos. “Na Fazenda da Ressacada tem oito biotérios e hoje nós gastamos parte do dinheiro de projetos e todo o duodécimo para alimentação dos animais”, explica Pescador.

A diretora afirma que as solicitações de reparo têm sido feitas de forma tímida para a UFSC, “porque é muita burocracia”. Ela ainda comenta que desde antes do retorno presencial, o Centro tenta resolver questões relacionadas ao Restaurante Universitário do CCA, e que só agora o projeto ficou pronto. “Tem coisas de quase dez anos que não foram resolvidas, mas a gente insiste e insiste.”

No dia 20 de março, a Administração Central e o prefeito da UFSC, Hélio Rodak, estiveram no Centro para uma reunião na qual a diretora pode mostrar as dificuldades enfrentadas. Para ela, “o diálogo é bom, mas efetivamente os problemas [do centro] são outra coisa.”

Centro de Ciência de Biológicas (CCB)

Com prédios na Carvoeira e no Córrego Grande, em Florianópolis, o Centro de Ciência de Biológicas (CCB) tem realidades diferentes em cada espaço. Apesar das particularidades, os problemas de manutenção de infraestrutura e ar-condicionado se destacam, assim como em outros Centros da universidade. Para o diretor do CCB, Alexandre Verzani Nogueira, a UFSC não dá conta dessas demandas comuns por questões contratuais, falta de pessoal e de verbas.

O espaço onde ficam os laboratórios de Anatomia, localizado no bairro Carvoeira,

é o local mais crítico, segundo Nogueira. Em anexo às salas já desativadas do CCB e com acesso pelos blocos modulados, os laboratórios atendem diversos cursos de graduação e cerca de 1,5 mil alunos. “Seguramente é a parte estrutural mais complicada, a gente só vive fazendo reparo, pintura, etc”, destaca o diretor. Por estar em uma área mais baixa do terreno, no fim do ano passado, quando a UFSC foi atingida por um forte temporal, houve alagamentos no local.

Ainda na Carvoeira fica o departamento de Botânica, em uma das construções mais antigas da UFSC. Nele, o problema mais constante é o da falta de ar-condicionado. O docente conta que o CCB tem alguns aparelhos que funcionam e ainda estão na área desativada, mas que não podem ser realocados, pois a universidade está sem contrato de manutenção para isso.

Nogueira afirma que esses problemas das estruturas antigas, principalmente do Anatômico, só serão resolvidos quando um novo prédio for construído, junto das demais instalações que ficam no bairro Córrego Grande. “A área a gente já tem, o próximo passo é fazer o projeto e conseguir o recursos”, completa o diretor. Ele explica que o Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (Dpae) e a universidade já sinalizaram positivamente, agora só falta verba de capital para isso.

Hoje a maior parte do CCB está no Córrego Grande. Nos blocos onde ficam as salas de aula, o diretor conta que há problemas do quadro elétrico e de climatização. Já na nova edificação, onde está a direção do Centro, os problemas esbarram na falta de servidores e na manutenção predial. “A rotatividade dos servidores técnicos é muito alta, são muitos anos sem reajuste. Então vários estão fazendo concurso em outros lugares. E isso é um problema porque quando esse profissional sai, leva muito tempo para ter outro no lugar”, explica Nogueira, que complementa que “ser gestor hoje é um grande desafio”.



Casarão do departamento de Botânica foi construído em 1930, como edificação da fazenda Assis Brasil. Em 1960, deu lugar ao campus da UFSC
Foto: Karol Bernardi/Apufsc

Os blocos E, F, G do CCB, localizados no bairro Córrego Grande, foram inaugurados em dezembro de 2018 para abrigar salas administrativas e laboratórios. Na época, a gestão ocupou o prédio aos poucos, pois ainda faltavam alguns trâmites burocráticos. A empresa contratada, no entanto, não concluiu a obra, por isso, mais de quatro anos depois, ela é considerada inacabada pela Administração Central da UFSC. “Então toda a manutenção que eles tinham que dar durante o período de garantia, hoje não fazem mais, quem faz isso é a universidade”, explica o diretor. “Todas essas pendências, porta que não abre, elevador que nunca funcionou, um outro cano com problema, são coisas que só vão ser resolvidas com nova licitação para terminar a obra”, conclui Nogueira, lembrando que o Ministério da Educação prometeu liberar verbas para finalizar essas obras. O diretor ainda acrescenta que o diálogo com a Reitoria tem sido bom, “eles estão atentos, querendo ajudar, mas para isso precisa ter recurso e pessoal”.

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Fábio Lopes, diretor do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), acredita que a “universidade se encontra à beira de um colapso” em relação à estrutura. Professor de Linguística e diretor do CCE desde 2021, Lopes acredita que o problema da UFSC não é apenas financeiro, mas também de gestão. “A Reitoria tem que encarar o fato de que nós estamos vivendo à beira do colapso, estamos vivendo uma crise administrativa e institucional de proporções bíblicas.” Ele complementa que é necessário que um plano de gestão de crise seja criado, “com um conjunto de medidas muito bem desenhadas e um cronograma, se não a universidade vai afundar no colapso total.” Em 25 de abril, em uma sala de aula do CCE, uma luminária se despreendeu do teto e atingiu uma estudante. Ela teve ferimentos e foi encaminhada ao Hospital Universitário (HU). Segundo Lopes, o fato ocorreu durante uma aula extracurricular de inglês. A vítima foi uma estudante do curso de Biologia. “Por sorte, o objeto caiu não sobre a sua cabeça mas sobre seu colo, atingindo-a na bacia”, relatou o diretor. Em mensagem enviada à comunidade do CCE e à Apufsc-Sindical, ele afirma: “tenho reiteradamente destacado os riscos associados à falta crônica de manutenção nas dependências da UFSC. Alertei as autoridades competentes várias vezes para o fato de que a chance de um acidente de proporções fatais ou muito severas é crescente e permanente”. No Dossiê da Apufsc-Sindical, em 2022, os chefes de departamento do CCE relataram problemas de manutenção de estrutura física, como infiltrações, goteiras, bebedouros e ar-condicionado sem funcionamento, além de um quadro defasado de docentes e técnicos administrativos (TAEs). Lopes afirma que tudo isso permanece. “Eu diria que todos os setores de infraestrutura [do CCE] estão muito prejudicados.”

Apesar de todos os problemas, o prédio D do CCE é o que mais preocupa o diretor, visto que é frequentemente atingido pela falta de água.

Com oito andares, o local abriga salas de aula desenhadas especificamente para as necessidades do curso de artes cênicas, além de salas administrativas, de coordenação de curso e chefias de departamento. A cada chuva, Lopes afirma ter que contatar o Departamento de Manutenção Predial e de Infraestrutura (DMPI), pois a casa de bombas do prédio D fica no subsolo e, com a água, as bombas submergem e engripam deixando o prédio desabastecido. .

Além disso, a Comissão de Espaço Físico do Departamento de Jornalismo, que fica no CCE, elaborou um levantamento, realizado durante os meses de janeiro e fevereiro de 2023, período de férias dos estudantes e docentes. Alguns dos problemas foram relatados por docentes e técnicos-administrativos, que usam os espaços com mais frequência. A partir do levantamento, foi solicitada a manutenção de alguns itens dos espaços físicos do departamento, como troca de iluminação queimada, manutenção do jardim e dos bebedouros, dedetização. Quase todos os pedidos foram atendidos, segundo a Comissão. Também havia a previsão de ser realizada a manutenção, higienização e limpeza dos aparelhos de ar-condicionado. A Comissão informou ainda que todas as solicitações relatadas à Secretaria do Jornalismo já foram encaminhadas ao setor responsável, via solicitação digital, e estão em uma fila de espera.

Centro de Ciências da Saúde (CCS)

Para que um docente possa ensinar, é necessário ter uma estrutura adequada de trabalho. Quando se trata do Centro de Ciências da Saúde (CCS), as salas de aula frequentemente são trocadas pelos espaços de prática, como as clínicas e a farmácia-escola. Se as manutenções dos prédios de salas de aula já são difíceis, as adequações sanitárias dos espaços de prática são ainda mais complicadas.

Para acompanhar a situação das condições de trabalho, a Apufsc-Sindical consultou diretores e diretoras do centro de ensino para entender quais são as principais demandas atuais. Nesta nova consulta realizada pelo sindicato, o principal problema apresentado segue sendo a manutenção dos prédios. No CCS não foi diferente. “No geral, eu diria que a nossa principal dificuldade não é com grandes contratos ou grandes serviços, mas para a manutenção pequena do dia a dia”, destaca o diretor do Ccentro, professor Fabricio de Souza Neves. A falta de impermeabilização nas coberturas causa infiltrações e, em dias de chuva, até mesmo a interrupção das aulas.

Para Neves, um dos principais obstáculos é a segmentação dos serviços, tanto por parte das empresas terceirizadas, quanto da administração da UFSC. “O exemplo

que eu dou é do chuveiro elétrico. Se for instalar um chuveiro elétrico, vai chamar a empresa que vai fazer a parte elétrica, de preparar os fios elétricos para a ligação, e vai chamar a empresa de hidráulica para os canos do chuveiro. São duas empresas diferentes para fazer esse serviço, e provavelmente vai ter dois engenheiros diferentes responsáveis por esses contratos diferentes. Às vezes serviços simples exigem atuação de quatro equipes diferentes.”

Nas manutenções, também há dificuldade com equipamentos de ar-condicionado e audiovisual. Desde o retorno às aulas presenciais na UFSC, em março de 2022, docentes reclamam da falta de manutenção nos aparelhos de ar-condicionado. Já sobre os projetores audiovisuais, o diretor destaca que não há nenhum serviço de manutenção e que quando há problemas, são os próprios docentes que resolvem. A questão atinge os auditórios do centro, “mas o problema de todo o dia é na sala de aula”.

Se já há demora em realizar pequenas manutenções, adequar os prédios das clínicas e farmácia-escola às normas sanitárias atuais é ainda mais complexo. “Nós temos prédios antigos e muita morosidade, então nós não acompanhamos o ritmo das normas sanitárias”, conta o diretor. “Acho que é um problema de difícil solução. Talvez seja preciso pensar em alternativas que envolvam atividade fora do campus.”

Questionado sobre o diálogo com a atual gestão da Reitoria, Neves aponta que não há problemas com o gabinete, mas com a burocracia. “Do ponto de vista prático, a impressão que eu tenho é que nada mudou em relação à gestão anterior. Do ponto de vista da manutenção, os processos continuam os mesmos [...] Eu entendo que é complexo para uma Prefeitura Universitária cuidar do campus inteiro. Talvez tivesse que ser diferente, ter prefeitura para cada setor do campus”, sugere.



Prédio de salas de aula do CCS da UFSC
Foto: Stefani Ceolla/Apufsc

Centro de Ciências Jurídicas (CCJ)

Um dos únicos Centros da UFSC a ter somente um departamento, o Centro de Ciência Jurídicas (CCJ) lida com os mesmos desafios dos demais espaços da instituição. Apesar de parecer fácil administrar uma unidade pequena, o diretor José Isaac Pilati conta que é necessário muita criatividade para lidar com as dificuldades da realidade, fruto da precarização da educação, com o corte de verbas, e da pandemia. Nos últimos dias à frente do CCJ, antes da aposentadoria, no fim de abril, Pilati fez um balanço da própria gestão para o levantamento da Apufsc-Sindical sobre condições de trabalho docente e funcionamento geral da UFSC.

O diretor lembra que durante sua administração houve a dificuldade de lidar com os dois anos de ensino à distância, por conta da pandemia. “Foi uma gestão dura, de resolver problemas inéditos, absurdos, acima das forças das pessoas”, avalia. No entanto, ele acrescenta que, com a diminuição de algumas despesas no período, várias melhorias físicas puderam ser feitas no CCJ. “A gente pôde renovar praticamente todo o parque de computadores, mesas, cadeiras e outros utensílios.”

Além disso, visando a modernização do Centro, um projeto, que já foi licitado e agora será implementado possibilitará conectar o auditório com as salas de aula. “Isso para mim foi o momento mais importante da administração, quando a gente conseguiu impor, digamos, a voz e colocar no devido lugar a dimensão administrativa, a gestão, com um projeto permanente”. Pilati também ressalta que o quadro de professores do CCJ foi resposto com concursos e que, mesmo com certo déficit, há um equilíbrio no número de técnicos-administrativos (TAEs).

Mesmo com casos positivos, o diretor ressalta a demora para resolver algumas demandas. “Nós passamos a gestão toda pedindo a abertura de uma porta de emergência no setor de práticas jurídicas, que tem atendimento ao público, porque só tem uma porta que entra e é a mesma que sai e as janelas são de grade. E é inacreditável que a gente não tenha resolvido esse problema numa gestão inteira.” Sobre os problemas de infraestrutura, Pilati lembra que eles são permanentes e de toda ordem, porque “os prédios, assim como as pessoas, envelhecem, e na UFSC todos sofrem da mesma doença genética”. “Quando vaza no nosso teto, o vizinho pode esperar que vai vazar no dele também”.

Em relação à questão administrativa, o diretor do Direito acredita que as universidades deveriam ter uma lei orgânica própria. “Elas se ressentem da burocracia e dos defeitos dos outros órgãos, em termos da legislação. Então a gente tem muita dificuldade de ter acesso a recursos e implementar projetos.” Ele também pontua que é necessário que se faça valer mais a autonomia universitária, “em termos de criar normas internas próprias para fazer frente as nossas necessidades específicas”.

Apesar de adversários durante a eleição para a Reitoria da UFSC, o diretor do CCJ

ressalta que o diálogo com a nova Administração Central é muito boa e que há uma relação estreita entre as partes. Pilati caracteriza como brilhante a iniciativa da gestão de criar uma política antirracismo, com a Resolução 175. “Eu acho que outras questões têm que ser por essa via. Não podemos, como universidade, ficar engessados com uma legislação dura, proibitiva, punitiva e que não dá espaço para o crescimento da ciência e educação”.

Para o professor, o maior instrumento de desenvolvimento econômico e social do país são as universidades públicas e, “lastimavelmente, se jogam pedra e perseguem a universidade”. Ele conclui dizendo que “no dia em que as universidades forem valorizadas como tal, nós teremos, com certeza, um Brasil diferente, mais próximo do que poderíamos chamar de desenvolvimento”.

Centro de Desportos (CDS)

Por dispor de apenas um curso de graduação, o Centro de Desportos (CDS) pode até parecer pequeno, mas como atende também à comunidade externa, com os programas de extensão, sua estrutura impacta muita gente. De acordo com o diretor do Centro, Michél Saad, os problemas de manutenção são os que mais os afetam. Quando as chuvas são muito fortes, por exemplo, as goteiras nos ginásios fazem com que as aulas precisem ser suspensas. Na gestão do CDS há oito anos, Saad diz que o grande gargalo do CDS são os banheiros. “Como é um curso de atividade física, de esporte, as pessoas estão constantemente em movimento, então a gente teria que ter banheiros em condições para banho, vestiários, e isso não acontece.” Com mais de 2 mil vagas de atividades de extensão e 600 alunos da graduação, o Centro recebe diariamente milhares de crianças, adultos e idosos.

Os ginásios e piscinas são salas de aula, por isso a infraestrutura também afeta o ensino. “Quando chove muito, a gente tem que suspender as aulas no ginásio, porque tem alguns problemas de goteira, de manutenção no telhado”, explica o diretor, que afirma ter feito várias tentativas de buscar o conserto, mas sem sucesso.

Outra questão ainda não resolvida no CDS é um vazamento no complexo aquático, que iniciou há muitos anos. Como diretor, Saad diz que seu papel é buscar o encaminhamento para que os problemas sejam resolvidos. No entanto, como cada Centro não tem servidores de manutenção próprios, é necessário seguir um protocolo institucional que centraliza os pedidos de reparo.

O diretor chama atenção para a falta de recursos e de pessoal que a universidade enfrenta. “O que acontece é que num dia não tem o cano adequado para resolver o problema de vazamento, ou não tem a torneira, ou não tem o sifão para a água correr e chegar na pia, ou não tem a pessoa necessária para fazer o serviço.”

Outro caso parecido com o do vazamento se repete em um dos campos de futebol do CDS, no qual não é possível trocar os refletores, pois desde agosto do ano passado não há uma pessoa especializada para fazer o serviço, segundo o diretor.

Saad diz entender que a gestão da Reitoria tem enfrentado muitos problemas rotineiros da UFSC. Mas que apesar disso, o diálogo tem sido muito bom e a que a gestão tem se colocado à disposição para resolver as dificuldades.



A UFSC dispõe de três ginásios cobertos
Foto: Karol Bernardi/Apufsc

Centro de Ciências da Educação (CED)

O Centro de Ciências da Educação (CED), um dos mais antigos da UFSC, está passando pela primeira grande reforma em seu bloco A, construído na década de 1970. O prédio, que inicialmente foi sede do Colégio de Aplicação e até ano passado abrigava as salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, há anos era alvo de reclamações da comunidade acadêmica sobre desgastes da estrutura física, relatadas em parte no dossiê sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral levantado pela Apufsc em 2022.

“Ao longo dos últimos anos se investiu muito em mobiliário, cadeiras melhores, mas tem algumas coisas que dizem respeito ao prédio de mais de 50 anos que precisava ser reformado”, conta o diretor do Centro, o professor Hamilton de Godoy Wielewicky, satisfeito que a reforma tenha começado em fevereiro deste ano.

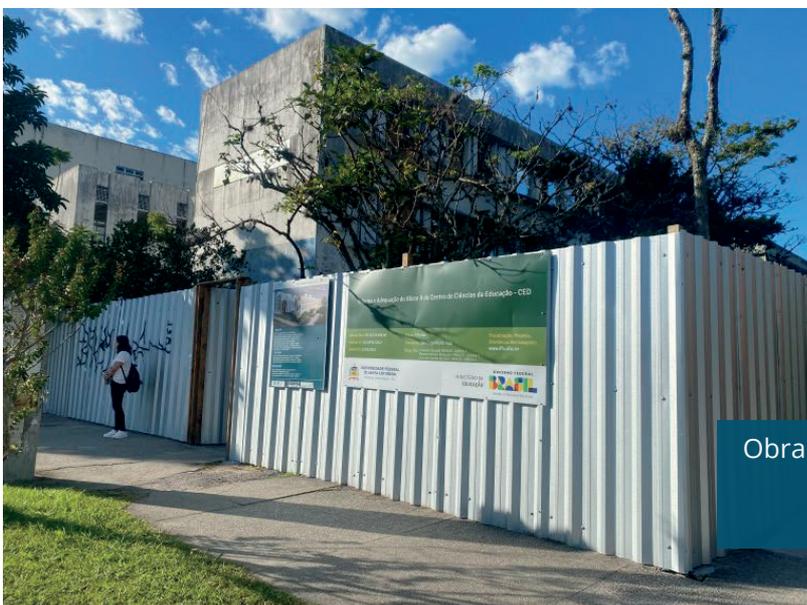
A reforma desalojou, temporariamente, as salas de aula do CED, que agora depende de apoio de outras unidades de ensino e do Espaço Físico Integrado (EFI) da UFSC para alocar as turmas. O diretor estima que a reforma irá levar pelo menos dois anos para ser concluída. “Tem uma compreensão no CED de que são males que vem para bem”, avalia.

O bloco A do CED, além de abrigar as salas de aula da graduação e pós-graduação, também era sede das organizações acadêmicas. O novo projeto, elaborado pelo Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia (Dpae) da Prefeitura Universitária da UFSC, promete ampliar as áreas comuns e espaços de convivência e garantir a integração entre os demais blocos. “É um prédio que sai do milênio passado para o terceiro milênio. É um outro tipo de conceito em termos de acessibilidade, de ventilação, completamente diferente do que a gente tinha”, conta Wielewicki.

Já nos blocos administrativos, o principal problema quanto à estrutura física são as infiltrações, principalmente nas junções entre os blocos. O diretor conta que chamou a equipe técnica da Prefeitura Universitária para que fosse feito um laudo dos problemas estruturais do CED. Com as informações, a Direção pretende pleitear as soluções, sobretudo aquelas em que pequenas intervenções são suficientes.

Sobre a falta de salas para docentes, apontada no dossiê em 2022, Wielewicki conta que este é “um desafio histórico”. Apesar de estar na Direção há apenas seis meses, como professor já tinha conhecimento deste problema porque o corpo docente do CED é muito numeroso. Wielewicki também conta que as questões tecnológicas, como já apontadas em outros centros, também são uma demanda recorrente no centro.

“Tem coisas que são lutas da instituição, das unidades como um todo [...] O cenário é como a gente se mexe nesse conjunto ainda muito complexo de situações. Tem um orçamento da universidade que precisa ser fortemente recomposto, isso não está ainda pautado, então está para além da própria universidade”, conclui.



Obra no Bloco A do CED deve ser concluída em dois anos, estima a Direção
Foto: Karol Bernardi/Apufsc

Segundo a UFSC, o valor total a ser investido na reforma e a adequação do Bloco A do CED está orçado em R\$ 10,35 milhões e, ao final de dois anos, a universidade deverá contar com um centro de ensino construído sob novo conceito, com maior acessibilidade e sustentabilidade, áreas comuns e espaços de convivência requalificados e integração entre os quatro blocos. A obra inclui também um bicicletário para 150 bicicletas.

Com a reforma, o prédio do Bloco A terá uma área útil de aproximadamente 3.500 metros quadrados. Em um projeto novo de climatização, os atuais aparelhos de ar condicionado, muitos deles de uso doméstico, serão substituídos. O prédio também contará com um elevador.

Um efeito colateral da reforma será a necessidade de retirar 31 árvores e arbustos. Para compensar esse corte, a UFSC irá plantar 60 mudas de espécies nativas em sua área, o dobro das espécimes que serão suprimidas no processo.

CED: NDI e CA

O CED tem uma particularidade comparado aos demais centros: além de abrigar os cursos de graduação e pós-graduação, também abriga a educação básica da UFSC. O Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) é uma escola de educação infantil, enquanto o Colégio de Aplicação (CA) é de ensino fundamental e médio.

No NDI, o principal problema é a falta de pessoal. Hamilton de Godoy Wielewicky, diretor do CED, conta que a sobrecarga dos funcionários acontece porque na educação básica os professores seguem cargas horárias de 40h ou 20h relógio em sala de aula.

Em uma carta enviada à Reitoria e à comunidade escolar, o coletivo docente do NDI explica que, desde 2020, foi necessário reajustar o horário de atendimento às crianças para quatro horas diárias em cada período, adequando-se à carga horária dos professores e estagiários. "Isso se deve a diversas medidas tomadas pelo governo federal neste últimos quatro anos e que ocasionaram em ações da Administração Central da UFSC, inviabilizando a implementação da estrutura necessária para o funcionamento pleno do NDI, como, por exemplo, a contratação de professores; extinção do cargo de auxiliar de creche e redução no número de estagiários não-obrigatórios". Segundo os docentes, a retomada do horário padrão "depende da contratação de mais profissionais". Professoras e professores têm feito rodízio de plantões para atender os grupos.

No CA, a estrutura física é apontada como um problema, e está passando por reformas. As obras, segundo o diretor do CED, "vão resolver um problema crônico de acessibilidade para o prédio", que tem rampas inadequadas há 10 anos. Além de corrigir estas estruturas, a reforma também inclui elevador, banheiros e auditórios.

Em agosto de 2022 foi publicado edital de licitação para contratação de empresa para fornecimento de material e mão-de-obra destinados à reforma do auditório e do refeitório e construção de bloco de ligação com elevador no Colégio de Aplicação da UFSC, com área de intervenção de 861,35m². A intervenção trata de adequações de acessibilidade nas edificações do complexo.

Entre as obras, está prevista a reforma do auditório prevendo demolição de alvenaria, contrapiso e pavimentação existente; reboco e pintura de todo o espaço do auditório e áreas de apoio; revestimento especial para banheiros e áreas molhadas; troca de piso do auditório e das áreas de apoio; instalação de forro; troca das cadeiras do auditório; novo sistema de iluminação; novo sistema de ar condicionado; construção de rampas de acesso com em concreto e instalação de mapa tátil e piso tátil e instalação de plataforma elevatória.

No refeitório, será feita a demolição do piso existente, das alvenarias de fechamento, remoção do telhado e posterior substituição dos itens mencionados, instalação de novas esquadrias, criação de plataforma elevatória, adequação conforme as normas de acessibilidade, instalação de forro e de sistema de exaustão mecânica.

Será ainda construído um bloco de ligação com instalação de elevador para garantir acessibilidade vertical nos blocos CA03 e CA04. Para o acesso do elevador, será realizada uma reforma interna nos 1º e 2º pavimentos da edificação. Além do elevador e das respectivas reformas de adequação, serão construídas novas rampas de acesso e calçadas de forma a solucionar os problemas de acessibilidade.

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

No comando do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) desde 2021, Miriam Furtado Hartung acredita que as dificuldades que permanecem na UFSC têm raízes no desmonte promovido pelo governo Jair Bolsonaro (PL). Em sinalização à atuação da nova gestão da universidade, ela argumenta que “ninguém consegue solucionar esse tipo de coisa histórica em meses”.

No dossiê de 2022, os departamentos do CFH destacavam a falta de manutenção de bebedouros, computadores, ar-condicionado, sucateamento e precariedade nas estruturas físicas em geral. Hartung conta que boa parte dos problemas continuam os mesmos, porque a origem deles é complexa e envolve normas contratuais, por exemplo. “A UFSC é uma cidade de médio porte, então não tem como pedir uma coisa agora e ser atendida agora, existe uma fila de trabalho, tem pessoas que estão sobrecarregadas com seus trabalhos e isso pode, eventualmente, atrasar uma coisa ou outra.” A diretora pontua que há uma sobrecarga de trabalho dos docentes e técnicos-administrativos.

Hartung pondera: “Nós estamos saindo de uma pandemia, de um governo que tinha o propósito de acabar com a gente, então temos que entender que leva tempo.” E completa: “a gente falava que era um retrocesso de 30 anos, então eles não se desfazem em seis, sete meses”.

Professora do departamento de Antropologia, Hartung espera que nos próximos anos as universidades consigam se reerguer, mas sabe que “isso não se faz em um passe de mágicas” e entende que por mais bem intencionada que qualquer administração seja, leva tempo para lidar com as consequências de uma “não-política educacional”.

Sobre a gestão atual da UFSC, ela lembra que foi eleita uma chapa com o compromisso de ser participativa, democrática, de dialogar e pensar nas melhores soluções para a comunidade. Então, embora seja importante cobrar melhorias, ela defende que a universidade não pode se resumir aos problemas. “Tudo isso tem que ser maior do que o problema do ar-condicionado que não funciona. A democracia, o espírito democrático, o respeito a isso é maior que um problema pontual de contrato, uma dificuldade sobre o funcionamento prático diário”.

Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM)

No dossiê sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral levantado pela Apufsc-Sindical e entregue à nova gestão de Reitoria da UFSC em julho do ano passado, a unidade de ensino que apresentou as condições de estrutura física mais precárias foi o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM). Sem espaço físico próprio para alocar as turmas e com a obra de prédio administrativo parada há anos, a situação preocupava a docentes — e continua preocupando.

À época do levantamento, os blocos modulados, que anteriormente abrigavam a maioria das turmas do centro, estava sendo desocupado, com poucas salas de aula ainda aptas para uso. O prédio, que havia sido construído há quase 50 anos como uma estrutura temporária, agora já está sem turmas e com previsão de demolição, porém sem data definida até o momento. Ainda é necessário que os centros acadêmicos e atléticas desocupem as instalações, entretanto, não há um novo local para as entidades estudantis se instalarem.

Além dos blocos modulados, que serão demolidos, o CFM tem outros dois prédios: uma construção parada que futuramente será o prédio administrativo, que fica ao lado do Colégio de Aplicação; e, atrás dessa construção parada, um prédio com blocos que abrigam os departamentos, coordenações de cursos, auditórios, laboratórios e apenas três salas de aula do Departamento de Física.

As três salas de aula que o CFM dispõe internamente são insuficientes para atender

a demanda do centro, que tem quatro cursos de graduação — Física, Matemática, Oceanografia e Química. Nos horários em que não há aulas de Física, os outros cursos usam a sala, porém parte das turmas do CFM depende de alocação em outras unidades de ensino e no Espaço Físico Integrado (EFI).

No único prédio que o centro dispõe, ainda há problemas de aparelhos de ar-condicionado sem manutenção e de falta de acessibilidade. Além disso, o elevador do prédio que está desativado porque sofreu um furto de fios elétricos e não há contrato para manutenção, e as calçadas que davam acesso ao bloco de Matemática foram destruídas pela empresa que está construindo o prédio administrativo. “A gente tem um professor com limitações de movimento, um pós-doutorando na Física e pelo menos uma aluna [de graduação] e a gente está sem aquele elevador, isso é bem grave”, alerta o diretor do CFM, Nilton da Silva Branco.

Na avaliação do diretor, a única melhora que aconteceu foi em relação à segurança. “A Secretaria de Segurança Institucional disse que houve algumas mudanças de condutas, mais rondas, mais iluminação. A gente teve alguma proteção maior de patrimônio, isso melhorou bastante”, afirma. A melhora foi notada nos últimos dois meses”.

A obra de construção do prédio administrativo do CFM começou em julho de 2023, portanto, está prestes a completar dez anos. A obra, que previa a construção de laboratórios de ensino e pesquisa, salas de apoio administrativo, biblioteca, auditório, lanchonete, sala de reprografia, sala da Direção, era para ter sido concluída em novembro de 2014, entretanto, o contrato com a empresa construtora foi rescindido em junho de 2015 com 43,3% da obra concluída. A construção permaneceu parada por anos.

Em janeiro de 2020, a obra foi retomada, dessa vez com previsão de conclusão para julho de 2021. Em abril de 2023, apenas 18,6% da obra prevista foi executada. Apesar de a UFSC ter conseguido reaver os recursos da obra, não são suficientes para concluir o prédio. “Houve uma certa esperança na troca de gestão, mas a gente está de novo numa situação muito parecida com a de antes, da gestão anterior”, lamenta o diretor.



Construção do CFM já leva quase dez anos. Ao comparar as fotos de dezembro de 2014 e junho de 2022, é possível notar que não houve evolução
Foto 1: UFSC/Divulgação, Foto 2: Karol Bernardi/Apufsc

Centro Socioeconômico (CSE)

Para a diretora do Centro de Ciências Econômicas (CSE), Maria Denize Casagrande, muitos problemas estruturais persistem e ficaram mais evidentes agora, não só pelo tempo que as universidades passaram fechadas durante a pandemia, mas também por conta dos prejuízos causados pela PEC do Teto de Gastos e pelos quatro anos de cortes na educação, durante o último governo.

A diretora afirma que no período de atividades não presenciais, a deterioração da infraestrutura não se mostrou problemática. “Inclusive, a universidade só pode se manter porque não foram abertas licitações para muitos dos serviços desnecessários em um ensino não presencial”, recorda Casagrande, em referência aos contratos como o de ar-condicionado, manutenção de projetores e pintura de edifícios.

Com o retorno à instituição, a questão da infraestrutura veio à tona e o CSE, assim como outras Unidades de Ensino, segundo a diretora, tem sofrido com isso. Ela lembra que a UFSC depende de empresas terceirizadas para praticamente todos os tipos de serviço e “como o orçamento caiu por quatro anos seguidos e a inflação cresceu assustadoramente, muitas das licitações para contratação de serviços de manutenção não têm êxito”.

Tudo isso, para a diretora, faz com que se acelere a deterioração da infraestrutura, sem que haja condições financeiras para a recuperação, resultado “de uma política deliberada do último governo de promover o sucateamento do Estado”. Apesar disso, ela destaca o empenho da Administração Central da UFSC em resolver os problemas. “As lideranças da universidade têm uma competência muito grande, mas o desafio é enorme.” E completa “estamos vivendo e administrando esse sucateamento”.

Centro Tecnológico (CTC)

O Centro Tecnológico (CTC) da UFSC é o que mais arrecada recursos próprios, por meio de financiamentos de projetos. O diretor do CTC, Edson De Pieri, afirma que, apesar de ainda não ter concluído o levantamento, estima que só no ano passado foram contratados R\$ 150 milhões em projetos. Deste valor, 1% fica com o centro, cerca de R\$ 1,5 milhão, e entre 2,5% e 3% com o departamento do projeto. Apesar de ter verba, o CTC não consegue fazer investimentos por conta da lentidão nos processos, que ocorre no setor de compras da universidade, e por falta de manutenção nos prédios.

De Pieri aponta que essa demora ocorre principalmente quando são equipamentos

que ainda não estão disponíveis no rol daqueles já licitados, e é necessário fazer a tomada de preço, algo comum no CTC. “Em alguns departamentos a gente conseguiu melhorar um pouco mais, que foi o caso da Arquitetura, que tem equipamentos mais simples de comprar. Para comprar equipamentos mais complicados, como é o caso da Engenharia Elétrica e da Engenharia Química, temos mais dificuldades.”

Apesar da demora ser maior para compra de equipamentos específicos, a aquisição de materiais comuns também é lenta. O diretor conta que fez um pedido para comprar aparelhos novos de ar-condicionado, mas que não houve tomada de preços por parte do setor de compras da UFSC. Esses problemas poderiam ser amenizados, afirma o diretor, se a UFSC já tivesse se adequado à Nova Lei de Licitações, de 2021. Enquanto isso, departamentos como o da Engenharia do Conhecimento sofrem com a falta de ar-condicionados, infiltrações, goteiras, em uma estrutura precária e antiga.

Além disso, outro fato que impede a atualização de equipamentos, principalmente em laboratórios, é a falta de manutenção dos prédios. “Há vários laboratórios que a gente não trocaria agora porque a falta de manutenção, ou seja, as infiltrações, vai prejudicar os equipamentos”, afirma De Pieri. O diretor também conta que no ano passado cerca de 30 computadores do laboratório de informática do centro ficaram molhados em dias de chuva. Para resolver a situação, a Direção suspendeu as atividades no espaço e deixou o aparelho de ar-condicionado ligado por dias para secar as máquinas. Assim, apenas um dos computadores foi perdido.

O diretor estima que haverá manutenções nos prédios, como pinturas, apenas no fim deste ano. “O nosso trabalho é fazer pedidos, porque as direções não podem executar, mas os pedidos chegam nos locais que podem executar e de lá não saem. Está muito ruim”, se queixa. Já sobre as manutenções de equipamentos, o diretor afirma que não é uma tarefa simples, porque boa parte delas é cara, já que se tratam de equipamentos específicos.

De Pieri também conta que o centro tem mais de 150 pedidos no setor de projetos da UFSC, entre manutenção, construção, reformas em calçadas e modificação de banheiros. “Foi pedido que priorizássemos oito projetos e, basicamente, a gente está priorizando aquilo que pode causar problemas estruturais nos prédios”. Entre os itens priorizados está a cobertura, manutenção da rede elétrica e adequações para prevenção de incêndios, como sinalização de rota de fuga.

Para o diretor do CTC, a piora nos casos de dengue pode estar sendo afetada pela falta de manutenção na universidade. “Apesar da Comissão de Prevenção da Dengue nos avisar que tem que verificar alguns locais, como a gente não tem manutenção, muitas vezes a água parada está embaixo do telhado. Quando é uma lata no estacionamento, um recipiente que está do lado do prédio, a gente resolve. Mas quando é algo que está em cima, a gente não consegue e a criação de [mosquitos da] dengue cresce.”

De Pieri conta que na Direção do CTC, em uma equipe de 10 pessoas, pelo menos duas contraíram dengue recentemente.

Outro problema que impacta o trabalho docente no CTC é a falta de técnicos-administrativos em educação (TAEs). De Pieri conta que, há cerca de 12 anos, havia mais técnicos em atividades-fim, que são nas unidades de ensino, que em atividades-meio, como Reitoria e Pró-Reitorias. Agora, o diretor conta que a lógica inverteu: “há uma contratação exagerada e técnicos nas áreas meio, ou atividades, que nas áreas fins. As unidades de ensino vêm perdendo ao longo dos anos os técnicos.”

Hoje, de acordo com De Pieri, o CTC tem apenas um técnico de informática para os 13 cursos do centro. Ele também conta que não há técnicos em laboratórios, que prejudicam as atividades de ensino. Os técnicos que se aposentam ou são exonerados não são substituídos, muitos porque tiveram seus cargos extintos por lei. “Nós temos um trabalho qualificado, que exige profissionais com formações específicas”, defende.

Além da falta de TAEs, docentes do CTC também enfrentam a falta de bolsistas, principalmente do Programa Integrado de Bolsas (PIB) da UFSC e de iniciação científica. Sobre os bolsistas PIB, que tendem a atuar em suas áreas de formação nas unidades de ensino, De Pieri conta que o CTC não recebeu vagas neste ano. A falta de bolsistas de iniciação científica, conta o diretor, é um problema que afeta principalmente os novos docentes. “Há um desestímulo muito grande porque não conseguem tocar as pesquisas sozinhos”, afirma.

Campus Araranguá

O campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Araranguá foi inaugurado em agosto de 2009, assim como os campi de Curitibanos e Joinville, como parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Quase 14 anos depois, o diretor do campus, Eugênio Simão, afirma que “todas as demandas são decorrentes de não terem aplicado recursos do Reuni para nossa sede própria”, já que o recurso não foi repassado pelo governo federal.

No primeiro dossiê realizado pela Apufsc e entregue à Reitoria da UFSC em julho do ano passado, foram relatados problemas estruturais com as instalações elétricas do prédio, falta de manutenção em ventiladores de teto e aparelhos de ar-condicionado, e falta de acessibilidade para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Os problemas se mantêm atuais, e, para Simão, se somam a outros “criados em todas as IFES [Instituições Federais de Ensino Superior] pelas gestões de Temer e Bolsonaro”.

O Reuni foi lançado pelo governo federal em abril de 2004 com o objetivo de ampliar a oferta de vagas nas instituições federais de ensino superior, bem como fornecer condições para a redução da evasão de estudantes. As instituições que decidissem aderir ao programa deveriam apresentar ao Ministério da Educação planos de reestruturação, de acordo com as orientações do Reuni. A partir desse programa, foi realizada a interiorização de várias universidades federais, como a UFSC.

A UFSC aderiu ao Reuni no ano de 2008, o que permitiu a criação, à época, dos campi de Araranguá, Curitibanos e Joinville. Os três campi juntos totalizaram de início 480 vagas novas de graduação. Hoje, são 3.888 alunos de acordo com o Observatório da UFSC — sendo 1.234 deles em Araranguá, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

O campus começou em um prédio próprio, no bairro Mato Alto. Com a ampliação da campi e criação de novos cursos, o prédio já não comportava a demanda, e o campus passou a ter também uma estrutura alugada no bairro Jardim das Avenidas. Hoje, todas as aulas acontecem no prédio do bairro Jardim das Avenidas, e o prédio do bairro Mato Alto comporta o setor administrativo e laboratórios.

Em 2016, a UFSC estava com tratativas para comprar um prédio da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) para alocar as aulas do campus de Araranguá. Porém, devido problemas orçamentários, o contrato foi rescindido.

Campus Blumenau

Desde sua inauguração, há nove anos, o Centro Tecnológico, de Ciências Exatas e Educação (CTE) da UFSC, o único do campus de Blumenau, enfrenta problemas de falta de estrutura física. Instalado em um prédio alugado, faltam salas de aula, salas para docentes e espaço para laboratórios e convivência, segundo os docentes. Os problemas de espaço físico já haviam sido apontados no dossiê sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral realizado pela Apufsc-Sindical e entregue à Reitoria em julho do ano passado. A direção do CTE ainda tem expectativa de que a tão sonhada sede própria seja conquistada em 2024.

O espaço físico da UFSC em Blumenau não acompanhou o crescimento dos programas de pós-graduação e a ampliação de pesquisas do campus, de acordo com a direção do CTE. Além da falta de espaço para novos laboratórios e dos diversos pedidos de ampliação dos laboratórios atuais, em épocas mais movimentadas faltam até mesmo salas de aula. O diretor do CTE, Adriano Péres, destaca que é “bastante difícil fazer os ensalamentos das turmas a cada semestre, e dispor de salas para monitorias, reuniões, capacitações, atendimentos e palestras”.

Se para as aulas já faltam salas, para docentes a situação se repete. As salas de professoras e professores são compartilhadas com cerca de 7 a 10 pessoas, “não sendo adequado para momentos de concentração”, conforme aponta o diretor. Também faltam salas para chefes de departamento e coordenadores de curso, que precisam compartilhar o espaço com colegas, afirma o diretor. Os docentes tampouco têm espaço para convivência, e o local destinado às refeições e descanso “é muito pequeno e não oferece privacidade e conforto”, diz Péres. Até mesmo vagas de garagem faltam para servidores e estudantes, complementa.

A necessidade de ampliação do campus de Blumenau também é relativa à falta de servidores. De acordo com o diretor do centro, ainda falta implementar 22 vagas de docentes e 43 vagas de técnicos — principalmente para atuar nos laboratórios dos cursos de engenharia — para ser cumprido o pacto de criação do campus de Blumenau. “O campus sente muito a falta de pessoal, todos estão sobrecarregados para manter o nível de excelência que entendemos ser alcançado. Os nossos cursos são todos conceito 5 no Enade [Exame Nacional de Desempenho de Estudantes]”, defende.

Assim como nos demais centros consultados pela Apufsc, o CTE enfrenta problemas com a manutenção de aparelhos de ar-condicionado e computadores. Devido à umidade da região, no verão, a sensação térmica em Blumenau é até 10°C superior à temperatura ambiente. Quanto aos computadores, a solução que a direção encontrou foi fazer fiscalização dos contratos e executar chamados aos fornecedores para intervenções previstas em garantia e fora da garantia.

Campus Curitibanos

Com os cursos de Agronomia, Ciências Rurais, Engenharia Florestal, Medicina e Medicina Veterinária, no campus da UFSC em Curitibanos, as atividades práticas fazem parte do cotidiano de aulas. Para que essas práticas aconteçam, os 82 docentes disputam o único micro-ônibus que o campus dispõe. Além disso, faltam instalações como uma clínica de grandes animais e um centro de pesquisa — este último, recentemente teve licitação feita. No dia 25 de abril, a ordem de serviço para a implantação do Centro de Pesquisas Ambientais e Agroveterinárias (CPAAV), do Centro de Ciências Rurais (CCR), em Curitibanos, foi assinada.

O diretor do campus de Curitibanos, Juliano Gil Nunes Wendt, afirma que existe a necessidade, sobretudo, da ampliação da frota, com a aquisição de uma van de 15 lugares, um micro-ônibus de 32, e um ônibus de 40. O diretor também aponta a necessidade de renovação da frota de automóveis. “Curitibanos é um campus em que os cursos têm alta demanda por aulas práticas, e hoje nós só temos um micro-ônibus”, afirma.

Assim como nos outros campi, Curitibanos enfrenta problemas em relação ao espaço físico. A solução, aponta Wendt, é “o término e entrega da nova edificação que nós temos aqui, denominada CBS 02”. O prédio, que será de salas de aula e laboratórios, começou a ser construído em 2015 e deveria ter sido entregue em 2020, mas a obra ainda não foi concluída. A partir disso, o diretor acredita que será possível “amenizar boa parte dos problemas de estrutura que se relaciona ao espaço físico”.

O campus de Curitibanos também enfrenta falta de docentes e técnicos-administrativos, sem os quais não é possível a ampliação dos serviços oferecidos. A principal origem do problema, para o diretor, está em dois decretos, o Decreto 9.262/2018 e o Decreto 10.182/2019, que extinguiram cargos da administração pública. “Nós temos alguns colegas que se exoneraram e isso não tem reposição. Então é algo que realmente preocupa o campus”, alerta Wendt.

A falta de verba tem afetado o trabalho no campus, que não tem recursos para compra de equipamentos ou materiais, como vidraçarias e reagentes para os laboratórios. “No momento a gente não consegue executar tudo que a gente necessita”, lamenta o diretor.

Campus Joinville

Inaugurado em 2009, o campus de Joinville da UFSC já foi sediado em três espaços alugados diferentes. Hoje, os oito cursos de graduação e os dois de mestrado estão localizados em uma infraestrutura na Zona Industrial do município. O diretor da UFSC de Joinville, Diego Greff, conta que não houve expansão do espaço físico da instituição no último ano, mas que ele já solicitou ao reitor a ampliação da área de laboratórios.

No ano de criação do campus, a universidade recebeu um terreno do governo do Estado de Santa Catarina e da Prefeitura de Joinville no qual deverão ser construídos os prédios permanentes da instituição. No entanto, a obra está paralisada por falta de recursos. A necessidade de uma área maior é uma questão do campus pelo menos desde o último levantamento feito pela Apufsc-Sindical, no ano passado, sobre as condições de trabalho docente e funcionamento geral da universidade. Agora o sindicato atualiza essas demandas.

Greff afirma que teve uma conversa com o reitor Irineu Manoel de Souza, em março, sobre expansão do espaço dos laboratórios. “A nossa maior questão é o custo orçamentário, porque a ampliação, dependendo do caso, não é tão difícil”, pontua o diretor da UFSC em Joinville.

A falta de recursos financeiros também é um problema que perdura há um tempo no campus. Segundo Greff, alguns equipamentos e materiais são comprados com as taxas de ressarcimento de projetos, “mas ainda é pouco”, enfatiza. Ele ainda afirma que a dificuldade de verbas para bolsas tem sido um problema em toda a UFSC. “Acho que também é reflexo da restrição orçamentária grave e é fruto do governo do executivo anterior.”

Com a falta de verba, as demandas do campus em relação à atualização dos computadores, datashow e equipamentos de laboratório para ensino e pesquisa, ficam comprometidas.

Conclusão

O conteúdo que compõe esse dossiê também foi publicado em uma série de reportagens elaboradas pela equipe de Comunicação no site da Apufsc-Sindical. A Administração Central foi procurada para responder aos principais questionamentos. No posicionamento enviado pelo Gabinete, a Reitoria da UFSC afirma que “se dedica permanentemente à desafiadora tarefa de fazer a manutenção da estrutura física das edificações e dos equipamentos necessários para a realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além do trabalho administrativo”, mas explica que o principal obstáculo é a falta de recursos financeiros. A dotação orçamentária para custeio da UFSC com recursos do Tesouro, que já foi de R\$ 150,10 milhões em 2016, ficou em R\$ 115,8 milhões no orçamento atual. “Isso num cenário de inflação e reajustes automáticos dos valores dos contratos, além da ampliação da estrutura física da universidade”, pontuou a Administração Central.

A Diretoria da Apufsc-Sindical mantém frequente diálogo com a Reitoria sobre os aspectos que impactam na atividade docente, e acredita que as explicações dadas são válidas, mas não eximem a Administração de responsabilidades e nem o papel do sindicato de fiscalizar, reunir informações e apresentar aos responsáveis por solucionar problemas. Neste dossiê, fica evidente, acima de tudo, que os problemas estruturais enfrentados por quem vive a universidade não podem mais esperar para que sejam solucionados.

Assim, solicita-se um plano de gestão de crise, priorizando os problemas relevantes que afetam o cotidiano da vida docente, conforme o quadro síntese apresentado às páginas 4 e 5 do presente dossiê.